

APRESENTAÇÃO

Revolução e Contra-Revolução

Quase 20 anos depois da publicação de *O fim da história e o último homem*, de Francis Fukuyama, parece que já é possível fazer um balanço relativamente seguro sobre as duas décadas que nos separam da euforia neoliberal que afirmava a vitória incontestada do capitalismo sobre as utopias não realizadas dos séculos XIX e XX. Não obstante, como não há segurança quanto ao curso da história, preferimos afirmar com Gramsci que na história só se pode prever a luta, de maneira que a única garantia que temos é a que pode ser demonstrada pelos processos que se (re)inauguraram com século XXI e que em diversas partes do planeta tem sacudido o solo aparentemente seguro de governos e regimes que se defrontam com uma humanidade que permanece buscando a transformação, seja por via das reformas ou das revoluções.

É verdade que hoje em dia a tese de Fukuyama só desperta interesse historiográfico. Por este e por outros motivos preferimos nos perfilar com Eric Hobsbawm, que logo após a publicação do libelo do historiador liberal sentenciou no seu *Era dos extremos* que ninguém que olhasse em retrospecto o breve século XX apostaria seu dinheiro no triunfo universal da mudança pacífica e constitucional de regimes e governos. O historiador anglo-egípcio ao se perguntar se revoluções continuariam acontecendo no planeta não titubeava em concluir que o mundo que entrava no terceiro milênio não parecia ser exatamente um mundo de sociedades e Estados estáveis. A América Latina e o Mundo Árabe, apenas para não citar a atual instabilidade da velha e conservadora Europa, parecem confirmar o prognóstico. Protestos, manifestações e mobilizações com dinâmicas diferenciadas e distintos graus de contestação ao capitalismo são cada vez mais frequentes e intensos e não deixam dúvidas de que algo se move na dinâmica da luta das classes trabalhadoras. Ao mesmo tempo, também a contra-revolução em seus distintos formatos, redefine seus perversos contornos, do atentado fascista na Noruega à ascensão de governos da direita supostamente “civilizada” na Europa, muitas vezes em aliança ou com apoio de organizações extremistas que florescem como resposta reacionária à crise.

A verdade é que a história não se presta a análises apressadas e a conclusão de Hobsbawm de que o mundo continuaria a assistir revoluções e toda espécie de catarse tinha o lastro de um olhar penetrante por toda uma era de convulsões, guerras, revoluções e contra-revoluções pelo globo. Nem bem o século XX chegou ao final, toda a proclamação eufórica do fim da história deu lugar ao pessimismo dos apologetas da vitória capitalista, diante das agressões imperialistas dos estadunidenses no Oriente Médio sob o pretexto da “guerra ao terror” e outras tantas agressões que continuamos a assistir pelo mundo, seguidas, obviamente, por uma resistência encarniçada. Ou seja, mudaram-se os argumentos e a tecnologia de guerra, mas o sangue derramado pelos povos oprimidos permanece tingindo de vermelho a história recente.

O fato é que revoluções continuam a acontecer e não é necessários lembrarmos o recente exemplo da Tunísia e do Egito para afirmar que quando as massas entram em cena podem por abaixo ditadores e também “democratas” com seu receituário neoliberal. Que o digam argentinos, bolivianos e equatorianos, que recentemente derrubaram governantes eleitos pelo voto universal. Em verdade, por paradoxal que pareça, a movimentação das massas em inúmeros países tem conseguido por abaixo governos e governantes que são o produto das formas excludentes, social e politicamente falando, da democracia burguesa.

O dossiê que o leitor tem em mãos, *Revolução e Contra-Revolução*, surge justamente com o propósito de passar em revista dois dos temas mais caros da historiografia marxista contemporânea, considerando que os processos históricos inaugurados com a Revolução Russa de 1917 só aprofundam a necessidade de reflexão diante de um presente de tanta instabilidade. Revoluções e contra-revoluções continuam a acontecer, mesmo que personagens e formatos variem ao longo do tempo. No plano acadêmico, a luta também prossegue com a disseminação de uma historiografia revisionista e neo-conservadora que pretende reservar o lugar do abominável para as revoluções, sendo necessário o combate dos marxistas. É justamente disso que trata o artigo *Depois da Revolução?... Revisionismo histórico e anatemização da Revolução*, do historiador português Manuel Loff, que abre este número de *História & Luta de Classes*. Loff identifica e critica as construções ideológicas hegemônicas que propõe, de forma a-histórica, que todas as revoluções necessariamente desembocam no totalitarismo, promovendo assim a anatemização do conceito de Revolução e desqualificando os processos revolucionários, responsabilizados por atacar uma ordem supostamente harmônica e legítima. A seguir, o artigo *Trinta e cinco anos de revoluções interrompidas*, de Valério Arcary, indaga sobre os motivos pelos quais as revoluções sociais não acompanharam as revoluções políticas que transformaram diversos regimes desde meados da década de 1970. A resposta que dá o historiador que viveu em Portugal quando da Revolução dos Cravos é das mais instigantes e polêmicas, pois imputa à direção stalinista a responsabilidade histórica por diversas derrotas, vendo na democracia uma armadilha ainda mais devastadora para as direções revolucionárias.

Fábio Luís Barbosa dos Santos busca aproximar comparativamente as experiências revolucionárias de franceses e russos nos séculos XVIII e XX, respectivamente. Refletindo acerca destes dois processos paradigmáticos no artigo *Centralização X Democracia: uma aproximação aos dilemas colocados pelas Revoluções Francesa e Russa*, o historiador reflete sobre os dilemas colocados pela necessidade de centralização política da direção revolucionária, que no seu entender terminaram contribuindo para engendrar definições sobre os limites de sua radicalidade histórica.

Nas trincheiras da democracia, de Carlos Zacarias de Sena Júnior, chama a atenção para a linha tênue que separa a dimensão revolucionária e contra-revolucionária das experiências de frente popular na história. Percorrendo os caminhos que levaram o *Komintern* a endossar a política de Frente Popular e a definir como linha oficial do movimento comunista internacional, o autor conclui que a definição de hierarquias superiores aos imperativos interesses da classe trabalhadora na luta de classes empurrou as organizações comunistas para o campo da contra-revolução e da democracia num dos momentos mais revolucionários do século XX, qual seja, o período de crise aberta com a derrota do nazi-fascismo em 1945. Em perspectiva semelhante, o artigo da historiadora argentina Paula Schaller, *Revolução e contra-revolução na Itália pós-fascista* discute o rico contexto do imediato pós-guerra, enfatizando a revolução social em curso, constituída no contexto da resistência antifascista. A autora propõe um balanço crítico que permita a compreensão da derrota da alternativa revolucionária e conseqüente restabelecimento da estabilidade burguesa, bem como o apagamento da memória sobre daquela experiência.

A problemática da Revolução latinoamericana é contemplada nos três artigos seguintes. Em *Revolução Socialista e sujeito revolucionário em José Carlos Mariátegui*, Gilberto Calil apresenta a originalidade do marxismo mariateguiano e sua reflexão sobre revolução e sujeito revolucionário na América Latina, discute criticamente algumas apreensões em torno de sua obra e reflete acerca de seu legado. O artigo de Bruno Miranda – *Por uma aliança operário camponesa: dilemas históricos do sindicalismo andino boliviano* – discute os impasses e as limitações das principais concepções e organizações sindicais bolivianas e sua incapacidade em efetivar uma aliança operário-camponesa. Considerando tal aliança como “um pilar da estratégia revolucionária em contextos históricos dependentes como o boliviano”, o autor busca refletir em torno dos limites das mais destacadas experiências da luta de classes naquele país. Também está presente a reflexão em torno da experiência venezuelana recente, no artigo *Para além de Hugo Chávez: as classes sociais na “Revolução Bolivariana”*, de Flávio da Silva Mendes. O artigo propõe, oportunamente, uma reflexão em torno daquela experiência pautada na análise das forças sociais em presença e da luta de classes mais do que na liderança chavista, considerando-as fundamentais para a configuração da crise orgânica que engendra o *bonapartismo chavista*.

O artigo que encerra o dossiê – *Ativismo Jurídico e efetividade dos direitos constitucionais: a contra-revolução e a marcha dos reformadores sociais* –, de Hélio Rodrigues Júnior propõe uma crítica do movimento do ativismo jurídico e sua crença na capacidade transformadora do Direito, sustentando que tal posição configura perspectiva contra-revolucionária e em aberta oposição à emergência social e política da classe trabalhadora.

Esta edição traz ainda dois outros artigos. O primeiro deles, *Práxis: considerações sobre o conceito no pensamento de Karl Marx*, de José D'Assunção Barros, propõe uma reflexão sobre o conceito marxiano de práxis, em suas diferentes dimensões e sentidos, discutindo sua construção em diferentes obras do materialismo histórico e, em menor medida, em alguns marxistas posteriores. Por sua vez, o artigo de Mário Maestri, *A primeira Independência do Paraguai* discute as posições políticas e as ações militares empreendidas pelas distintas classes e frações de classe paraguaias frente ao processo de luta pela Independência, sustentando que constituiu-se naquele momento um bloco político e social que permitiu a concretização de uma independência de “forte sentido democrático-popular”.

Dois resenhas complementam este número de *História & Luta de Classes*. Mozart Pereira saúda a republicação de *O estruturalismo e a miséria da razão*, de Carlos Nelson Coutinho, dimensionando sua importância histórica, sua contribuição teórica e sua atualidade. Maurício Vieira Martins, por sua vez registra a importância da recente tradução brasileira dos *Grundrisse*, avaliando a importância desta obra no desenvolvimento da reflexão marxiana e indicando algumas das questões presentes na obra.

História & Luta de Classes chega a sua edição de número 12, ao ingressar em seu sétimo ano, mantendo sua perspectiva crítica e aberta ao debate, seu caráter de empreendimento coletivo, a diversidade de abordagens e perspectivas e a ênfase na centralidade da luta de classes para a compreensão da dinâmica histórico-social. Os resultados que vem sendo alcançados – progressivo reconhecimento e disseminação da revista, consolidação de seu projeto editorial, crescente internacionalização das contribuições, e manutenção de rigorosa periodicidade, reforçam as opções seguidas. Ao mesmo tempo, investimos crescentemente na veiculação eletrônica e informamos que mais três edições foram disponibilizadas na íntegra no sítio eletrônico – as edições de número 5 (Trabalhadores e suas organizações); 6 (Imperialismo: teoria, experiência histórica e características contemporâneas) e 7 (Estado e Poder).

Agosto 2011

Gilberto Calil
Carlos Zacarias de Sena Júnior